

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA FACULDADE
AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

DAYANE DO NASCIMENTO SANTOS

**A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA
DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Aracaju – SE
2021**

DAYANE DO NASCIMENTO SANTOS

**A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

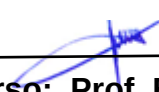
Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Áurea Machado de Aragão

**Aracaju – SE
2021**

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

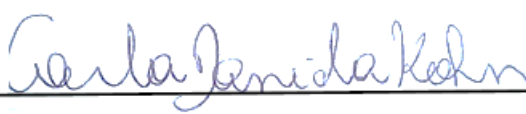
Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.



Coordenador do Curso: Prof. Esp. Williams dos Santos



Orientadora: Profª Drª Áurea Machado de Aragão



Avaliadora: Profª Ma. Carla Daniela Kohn



Avaliadora: Profª Drª Tâmara Regina Reis Sales

Avaliação Final: 9,0

Aprovada em: Aracaju 26/ 11/ 2021

do Nascimento Santos, Dayane
A contribuição dos contos de fadas na prática pedagógica da contação de histórias na educação infantil
número de páginas (24 p); 30 cm

TCC (trabalho de conclusão de curso).
Faculdade Amadeus, 2º sem. 2021.
Orientador(a): Prof^(a). Dr^a Áurea Machado de Aragão

Referencial bibliográfico: p.22
Palavras-chave: Contação de história Conto de fada.. Literatura. Prática pedagógica.

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dayane do Nascimento Santos¹

RESUMO

O presente artigo apresenta uma revisão de literatura com pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, cujo objetivo geral foi analisar como os contos de fadas podem contribuir na prática pedagógica através da contação de histórias na educação infantil. Teve como questão norteadora: qual a contribuição dos contos de fadas na contação de histórias na educação infantil? Em um primeiro momento buscou-se apresentar a história e definição de literatura infantil e dos contos de fadas. Depois o significado da contação de história no processo de ensino da criança e as práticas pedagógicas com contos de fada que contribuem para a aprendizagem na educação infantil. Os principais resultados demonstram que os contos de fada podem enriquecer o processo de ensino-aprendizado da criança não apenas no letramento, mas em diversas áreas do saber.

Palavras-chave: Contação de história Conto de fada.. Literatura. Prática pedagógica.

ABSTRACT

The present article presents a literature review with bibliographic research of qualitative nature, whose general objective was to analyze how fairy tales can contribute to pedagogical practice through storytelling in early childhood education. The guiding question was: what is the contribution of fairy tales in storytelling in early childhood education? The first step was to present the history and definition of children's literature and fairy tales. Then, the meaning of storytelling in the teaching process of the child and the pedagogical practices with fairy tales that contribute to learning in early childhood education. The main results show that fairy tales can enrich the teaching-learning process of the child not only in literacy, but in several areas of knowledge

Keywords: Fairy tale. Story Telling. Literature. Pedagogical practice.

* Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade Amadeus (FAM)

1 INTRODUÇÃO

Contar histórias para as crianças permite-lhes aprender a arte de ouvir. As crianças preferem falar em vez de ouvir, então desenvolver a habilidade de contar histórias servirá bem em um ambiente de sala de aula. As crianças são naturalmente curiosas, e contar histórias é um ótimo meio para encorajar e canalizar essa curiosidade para uma oportunidade de aprendizado. À medida que a história avança, a criança começa a fazer perguntas ao contador de histórias: "O que vai acontecer depois?", "Haverá um final feliz?"

Ler ou ouvir histórias pode ser considerado uma prática comunitária significativa, capaz de impactar as gerações jovens, capacitando-as e preparando-as para o futuro. Como a cultura é crucial para a aprendizagem, as histórias têm um papel fundamental na formação do papel do indivíduo na sociedade, tornando-se um recurso útil sob as perspectivas didática, psicológica / terapêutica e pedagógica (SANTOS, 2013).

Nessa direção, as motivações que levaram à escolha desse tema foram reflexões sobre a contribuição dos contos de fadas na prática pedagógica através da contação de histórias na educação infantil, o desenvolvimento pessoal e do gosto pela leitura, que pode ser desenvolvido utilizando a contação de histórias. Aquele que escuta histórias consegue desenvolver diversas capacidades como por exemplo um melhor entendimento e compreensão de texto, fazendo desta pessoa um leitor capaz de formar opiniões críticas.

Desse modo, o objetivo geral deste trabalho é como os contos de fadas podem contribuir na prática pedagógica através da contação de histórias na educação infantil. Teve como questão norteadora: qual a contribuição dos contos de fadas na contação de histórias na educação infantil. Além disso, os objetivos específicos são: Identificar a importância dos livros infantis na educação infantil; Demonstrar o significado da contação de história no processo de ensino das crianças na educação infantil; Apontar práticas pedagógicas com contos de fada que contribuem para a aprendizagem na educação infantil. Assim, o estudo tem como questão norteadora: qual a contribuição dos contos de fadas na contação de histórias na educação infantil?

Para tal propositura o método utilizado é a revisão de literatura de abordagem qualitativa para a análise, avaliação e integração da literatura pesquisada. Quanto ao objetivo o estudo é exploratório e descritivo, ancorado em levantamento bibliográfico. Os procedimentos foram a elaboração da pergunta de pesquisa; definição dos objetivos; busca na literatura; seleção dos artigos; extração dos dados; síntese dos dados após avaliação da qualidade das informações para o estudo pretendido.

2 A IMPORTÂNCIA DOS LIVROS INFANTIS NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

O que é Literatura Infantil? Frantz (2005, p.10) afirma que:

Literatura Infantil são livros que lidos na infância até chegar à idade adulta permanecem guardados em nossa memória bibliográfica e que ao longo do tempo são lembrados porque foram tidos como bom e prazeroso e que faz parte da nossa formação de leitor. (2005, p.10).

É, portanto, uma ferramenta que promove o aprendizado e desenvolve o pensamento crítico e reflexivo dos professores, porque você pode ler ou ouvir o mesmo texto, mas todos terão sua própria visão dos acontecimentos, sua própria interpretação dos fatos.

Os livros infantis têm ilustrações para suas narrativas, mas não são os mesmos porque contêm elementos únicos que informam a trama da história e, característicos de textos longos, lhes dão descanso. Ouvindo a história, as crianças olham as ilustrações, que em um momento darão um significado diferente ao momento narrado, elas se expressam criativamente na adivinhação e compreensão dos acontecimentos, criando uma leitura pessoal conectada ao seu universo sem regras, onde a imaginação nasce naturalmente.

2.1 A importância da literatura na alfabetização

É claro que um estudante só entenderá a importância da leitura se desenvolver o hábito de ler e sentir a alegria da leitura, pois a literatura é uma representação cultural que é intelectualmente muito importante para a criança.

Interagir com a literatura é aprender algo sobre cultura e despertar o

desejo pela fantasia que ela proporciona. É necessário introduzir o importante papel da literatura no desenvolvimento da criança mesmo antes do período de alfabetização, pois "a relação do aluno com o universo simbólico não se dá de uma só forma verbal" (ORLANDI, 2006, p. 38), mas também através de outras formas linguísticas em suas relações com o mundo ao seu redor.

A literatura desenvolve habilidades importantes na fase de alfabetização e a principal tarefa dos responsáveis, escolas e professores é criar oportunidades para que as crianças se descubram como leitores. Entretanto, o professor de alfabetização deve iniciar o processo de descobrir um interesse pela leitura logo no jardim de infância, quando a criança se depara com cartas pela primeira vez.

A literatura tratada de forma interdisciplinar incentiva os estudantes a se interessarem por livros desde cedo, a fim de desenvolver um hábito e gosto pela leitura de obras literárias. A natureza sistemática do projeto é necessária porque o despertar do interesse, que se pretende que dure por muito tempo, não ocorrerá como resultado de um contato esporádico.

Para que o processo de alfabetização da criança comece com sucesso, é importante despertar o desejo das crianças pelo contato com livros e cartas desde o início, utilizando fontes que as estimulem e despertem nelas um genuíno gosto pela leitura.

As crianças nos estágios iniciais da alfabetização geralmente estão interessadas em ler ou em pequenas figuras ou textos como embalagens de produtos, rótulos ou pequenos livros com ilustrações coloridas e atraentes. Entretanto, é importante que este contato vá além da curiosidade sobre as imagens e veja as palavras como o contexto do livro.

Quando enfatizamos a literatura infantil na alfabetização, pensamos no ensino de uma forma contextual, divertida e agradável. A literatura infantil é importante tanto educativa quanto socialmente porque trata do desenvolvimento do leitor infantil, levando em conta aspectos de criatividade, imaginação e produção.

O estabelecimento de ensino deve organizar o trabalho com livros de literatura infantil em um processo de leitura e leitura combinado com atividades diárias em sala de aula de uma maneira divertida e descontraída. O objetivo deste

trabalho pedagógico é oferecer conhecimento sobre a leitura, ou seja, interpretação e compreensão do texto, que deve ser avaliado à luz do próprio livro.

Ensinar não se trata apenas de usar um livro para ensinar, mas de proporcionar momentos práticos e divertidos de leitura e escrita, pois tanto o professor quanto o aluno podem descobrir muito enquanto leem um livro. As crianças podem explorar livros e revistas desde cedo, segurando-os em suas mãos, paginando através deles, olhando para fotos e aprendendo sobre literatura.

De acordo com Freitas (2005), em sua interpretação sobre o texto de Farias (2004), os educadores detêm de uma habilidade em identificar a riqueza e a estrutura dos livros infantis. Essa é uma das demais alternativas para que seja possível agregar uma abordagem puramente pedagógica à literatura. A exploração de um livro infantil, sua narrativa, ilustrações e significado é um recurso que precisa ser abordado de forma competente e criativa.

Para isso, o professor também deve ser capaz de ser um leitor, estar preparado para desenvolver mais temas de leitura, ler literatura diariamente e interpretá-la coletivamente junto com os alunos e o professor, ou seja, para construir o significado do texto. E o mais importante, escrever algo que seja escutado pelo professor cria uma compreensão do velho e uma oportunidade de criar o novo.

O trabalho relacionado a literatura, principalmente a literatura infantil, traz requisitos que devem ser aplicados em sala de aula. Dentre esses requisitos está a elaboração de um método de interpretação de texto e exploração literária que relaciona o autor e o ao que eles pretendem dizer através dele, estimular a curiosidade das crianças e a disposição para o diálogo sobre o livro.

Abramovich (1997) vê a literatura como uma aprendizagem estética na qual histórias lidas ou contadas explicam o mundo de uma forma que permite ao leitor colocar-se no universo que criou. É um conhecimento idealizado de diferentes mundos, culturas, pessoas ou situações, caracterizado pela descoberta de emoções e sentimentos, formas interiores de relacionamento, em busca de conhecimento e autoconhecimento.

Ouvir uma história é o início do aprendizado, é o primeiro contato com um texto escrito que ocorre oralmente. Contar ou ler uma história é um momento

único, possível e agradável para todos.

Freire (1993) também fala de aprendizagem, de aprender a ler o mundo, a ler a palavra, de aprender como consequência do ato de ler. A leitura não é apenas entretenimento ou a memorização mecânica de certas passagens de texto. O autor explica o significado da leitura: a leitura é uma atividade inteligente, complexa, exigente, mas gratificante. A leitura é uma tentativa de entender o que foi lido, e é por isso que o ensino correto da leitura e da escrita é tão importante.

Freire (1993) acredita que aprender a ler é uma experiência criativa de compreensão e comunicação. A experiência de compreensão e a capacidade de associação nunca são compartilhadas.

Diz ainda o autor, que a experiência de compreensão será tão profunda quanto nossa capacidade de ligar, em vez de dicotomizar, os conceitos emergentes das experiências escolares com aqueles emergentes do mundo cotidiano. O desafio crítico, que sempre requer leitura e necessariamente também escuta, é a facilidade com que podemos passar da experiência sensorial da vida cotidiana para a generalização que opera na linguagem, e da linguagem para o concreto tangível. Uma maneira de fazer isso é através da prática do que eu chamo "ler o mundo antes", por "ler o mundo" quero dizer a "leitura" que precede a leitura da palavra e que, ao mesmo tempo em que visa também a compreensão do objeto, acontece no reino do cotidiano. Lendo a palavra,

A experiência da compreensão é a capacidade de associar, jamais dicotomizar. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os 22 conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade. Um exercício crítico sempre exigido pela leitura e necessariamente pela escuta é o de como nos darmos facilmente à passagem da experiência sensorial que caracteriza a cotidianidade a generalização que se opera na linguagem e desta ao concreto tangível. Uma das formas de realizarmos este exercício consistente na prática a que me venho referindo como "leitura da leitura anterior do mundo", entendendo-se aqui como "leitura do mundo" a "leitura" que precede a leitura da palavra e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade. A leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete agora a leitura anterior do mundo. O que me parece fundamental deixar claro é que a leitura do mundo que é feita a partir da experiência sensorial não basta. Mas, por outro lado, não pode ser desprezada como inferior pela leitura feita a partir do mundo abstrato dos conceitos que vão da generalização ao tangível (FREIRE, 1993, p. 30).

Literatura e alfabetização andam de mãos dadas, incentivar as crianças a ouvir histórias é muito importante no processo de alfabetização, as crianças adoram ouvir histórias porque elas são encantadoras, encantadoras e trazem alegria, histórias infantis, contos de fadas e histórias de aventura são uma ótima maneira de fazê-las adquirir o hábito da leitura.

A literatura infantil transporta a criança para um mundo onde sonhos, realidade e fantasia estão intimamente interligados, fazendo a criança viajar, explorar e agir em um mundo mágico capaz de transformar a realidade para o bem ou para o mal.

[...] A história da literatura infantil data do século XVIII, quando a criança era vista como um ser diferente dos adultos, com suas próprias necessidades e peculiaridades, que deveriam ser excluídos da vida adulta e submetidos à educação especial para prepará-los para a vida adulta (CUNHA, 1999, p.22).

Desta forma, a escola tornou-se uma instituição legalmente aberta não apenas à burguesia, mas a todos os estratos sociais, e a literatura infantil tornou-se um endosso do processo escolar porque, como a escola trabalha com linguagem escrita, depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, assume que as crianças passaram pela peneira da escola (LAJOLO e ZILBERMAN, 1991). Percebemos, portanto, que o avanço da instituição foi de extrema importância para que a literatura fosse alcançada para um maior número de crianças no mundo.

3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pensando numa perspectiva histórica, o ato de contar histórias é anterior à escrita. As primeiras formas de contar histórias eram geralmente orais combinadas com gestos e expressões.

A Contação de história consiste na atividade social e cultural de compartilhar histórias, às vezes com improvisação, teatro ou embelezamento. Toda cultura tem suas próprias histórias ou narrativas, que são compartilhadas como um meio de entretenimento, educação, preservação cultural ou inculcar valores morais. O termo "contar histórias" pode referir-se, num sentido restrito, especificamente à narrativa oral e também a um sentido mais amplo, como o uso de técnicas em outras mídias para revelar ou divulgar a narrativa de uma história (SANTOS, 2008, p. 53)

O povo aborígene australiano pintou símbolos de histórias nas paredes das cavernas como um meio de ajudar o contador de histórias a lembrar-se da história.

Bernardino e Souza (2011, p.53) dizem que a história foi então contada usando uma combinação de narrativa oral, música, arte rupestre e dança, que trazem compreensão e significado da existência humana através da lembrança e encenação de histórias:

As pessoas usaram os troncos esculpidos de árvores vivas e meios efêmeros (como areia e folhas) para registrar histórias em quadros ou com escrita. Formas complexas de tatuagem também podem representar histórias, com informações sobre genealogia, afiliação e status social.

Santos (2008, p.28), afirma que contar histórias foi um método usado para explicar fenômenos naturais, povos antigos contavam histórias sobre a criação e desenvolviam um panteão de seus deuses e mitos:

O outro tipo de contação de história era ao redor de um tema, uma sequência definida de ações da história que estruturam um conto. Assim como o contador de contos prossegue linha por linha usando fórmulas, ele prossegue de evento para evento usando temas.

Botelho (2011, p.09) ressalta a importância da contação de história e como os contos de fadas podem desencadear um processo de compreensão de diversas áreas do saber e explicita que:

Histórias não funcionam bem apenas para narrativas; eles podem ser usados para ilustrar processos científicos ou matemáticos também. Tomemos por exemplo a diferença entre aprender uma fórmula e a capacidade de resolver esse problema no contexto de um exemplo da vida real. Histórias trazem informação, conhecimento e verdade para a vida.

Em sua obra “Como Contar Histórias na sala de aula?”, a autora traz passos fundamentais para que os professores consigam atrair seus alunos na hora da contação de histórias. Diz ainda que, se um professor se tornar um excelente contador de histórias, pode garantir que qualquer conceito que ensine será lembrado nos anos seguintes.

Após uma introdução aos contos de fadas, as crianças podem começar a reconhecer padrões de histórias e semelhanças entre versões. Isto é onde a diversão começa. Não importa a idade, as crianças impressionarão com suas observações variadas. Tudo o que elas precisam é familiarizar-se com o gênero e o

espaço mental a serem processados. Iniciar discussões sobre contos de fadas com crianças terá uma aparência diferente, dependendo da idade e da maturidade.

3.1 Caracterização dos Contos de Fadas

A necessidade de narrar os acontecimentos não é um fenômeno novo. Desde o início da humanidade, o homem está consciente de sua importância para expressar situações que lhe são incompreensíveis de forma simples e para melhor enfrentar seus medos e ansiedades. De acordo com Fonseca (2012, p.153):

E ainda é assim, narramos para não termos medo da violência, dos desafios, dos mistérios, dos ciclos de desenvolvimento da vida, das partidas dos novos encontros, do envelhecimento, do parto, do nascimento, do casamento, do rompimento, das descobertas, do que fazemos com as descobertas, do que destruimos com as descobertas. Narramos para compreender a vida, para guardar na memória, para deixar gravado, para nos entendermos mais e melhor, para sonhar, para nos mantermos vivos para vir a ser.

Assim se originaram os contos de fadas - da necessidade do homem de compreender a si mesmo e aos outros, de compreender o mundo e a existência.

Dornelles (2014) argumenta que não há tempo definido para o surgimento dos Contos de Fadas. Criar, contar e ouvir histórias fazia parte das atividades diárias dos povos antigos, e estas histórias tiveram um profundo impacto na imaginação popular. O costume era transmitido dos pais para seus filhos, que tinham o hábito de contar histórias nos campos, no pátio e nas refeições.

Os contos de fadas originais eram histórias imbuídas de metáfora, fantasia e simbolismo que davam um quadro muito realista dos acontecimentos em uma época caracterizada por uma existência sofrida, problemas que assolavam e atormentavam a sociedade, como a falta de conceitos básicos de higiene e saneamento, a fim de garantir a sobrevivência e o bem-estar de todos, bem como a atitude do homem medieval com suas preocupações, experiências, conflitos, alegrias e sentimentos, e como a sociedade acreditava em uma força sobrenatural e com base nisso buscava explicações para aliviar o sofrimento experimentado pelas pessoas (VIEIRA, 2005)..

Inicialmente, os enredos dos contos de fadas mais populares não se referiam a aliviar a realidade, pois o contexto social da época ignorava o sentimento de infância (DORNELLES, 2014).

No século XVII, as histórias orais tradicionais começaram a ser

transformadas por mães e cuidadores que começaram a contar histórias de acordo com a compreensão das crianças, sem perder as características básicas dos personagens (DORNELLES, 2014).

Até então, a infância não era reconhecida, as crianças eram vistas como adultos em miniatura e participavam intensamente da vida social, especialmente no trabalho e em festas. Esta mudança começou com uma mudança no comportamento social, quando a atenção pública se voltou para a infância como uma etapa fundamental do desenvolvimento humano e da preocupação com a educação. De acordo com Ariès (1992, p.104):

O primeiro sentimento da infância – caracterizado pela “paparicação” – surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior a família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes. Esses moralistas haviam-se tornado sensíveis ao fenômeno outrora negligenciado da infância, mas recusavam-se a considerar as crianças como brinquedos encantadores, pois viam nelas frágeis criaturas de Deus que era preciso ao mesmo tempo preservar e disciplinar. Esse sentimento, por sua vez, passou para a vida familiar.

Pode-se entender que gradualmente, a partir da busca de uma definição de infância e sua separação da fase adulta, começou uma preocupação com os contextos de histórias propostas e destinadas às crianças, e especialmente àquelas que ganharam um lugar no universo infantil e enriqueceram os gêneros literários, sempre com uma função educativa e instrutiva. Desta forma, histórias maravilhosas foram adaptadas de mitos e contos de fantasia para entreter as crianças de forma agradável, animada e muitas vezes assustadora e para alertá-las sobre possíveis perigos.

Novas versões de contos de fadas ganharam a empatia não apenas das crianças, mas também dos adultos, e criaram novas expectativas do público, acrescentando maneiras de lidar com medos e ansiedades pessoais e/ou sociais, a possibilidade de heróis, princesas, reis e rainhas triunfarem. A oportunidade de brincar com a realidade e transformá-la através da ficção atraiu e encantou o público porque os medos enfrentados pelos personagens eram reais e considerados universais.

Em tal ambiente, rico em mitos, crenças e fantasias, as narrativas orais caracterizadas por descrições violentas e assustadoras foram adaptadas à escrita, o que lhes conferiu um caráter lúdico, suavizando os temas algo abandonados em favor do universo inexperiente e inocente da infância.

Abromovich (1997) salienta que vários autores se destacaram durante este período com pequenas adaptações de contos. Entre os mais conhecidos estão Charles Perrault (1628-1703), que adaptou contos de fadas como *A Bela Adormecida* e *O Capuchinho Vermelho*; La Fontaine (1621-1695) escreveu vários contos como *A Cigarra e a Formiga*; os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) publicaram contos como *A Bela e a Besta*, *João e Maria e Branca de Neve* e *os Sete Anões*; Hans Christian Andersen (1805-1875) escreveu histórias como *O Patinho Feio* e *A Pequena Sereia*.

Nestas inovadoras versões escritas de contos de fadas, o sobrenatural ainda estava presente através de fadas, feitiçarias e reviravoltas incomuns de tramas. Fantasia de conto de fadas focalizada na existência social, tornando a vida mais agradável e aceitável. E finais felizes foram introduzidos para dar esperança mesmo quando as infelicidades diárias pareciam intransponíveis.

Nestas histórias, o medo e o mal foram personificados por bruxas, madrastas, lobos, caçadores e gigantes. Mesmo neles, os problemas impostos aos protagonistas por vilões, tempestades de vida ou atitudes inconsistentes e imprudentes poderiam ser superados por qualidades e virtudes que produzissem boas atitudes como paciência, coragem, curiosidade, memória, prudência, fortaleza e esperança, que no final sempre superaram esses problemas.

Os contos de fadas funcionaram primeiro no plano do inconsciente, onde a fantasia e a incredulidade residem e nascem, e depois no plano da consciência, onde a realidade afetiva e a experiência devastadora se tornam mutáveis. É a representação explícita dos sentimentos primordiais e da essência da vida que torna os contos de fadas contemporâneos.

Os contos de fadas podem ser decisivos e contribuir muito para a formação da criança tanto em relação a si mesma quanto ao mundo ao seu redor. Seu conteúdo, cheio de cultura e sabedoria popular que é relevante para a condição humana, é ainda hoje muito relevante.

Como textos literários clássicos, os contos de fadas atraem o leitor com muitas possibilidades de interpretação, pois mostram a luta entre o bem e o mal, assim como os obstáculos e desafios da transição da infância para a idade adulta, através de simbolismos, desafios inerentes ao ser humano. De acordo com Bettelheim (1980, p.03-04):

Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa.

Nesta visão da literatura infantil, os contos de fadas são uma porta para encontrar significados para experiências e sentimentos que são considerados universais. A formação do homem, suas ideias e virtudes, está intimamente ligada aos enredos destas histórias, que expressam valores morais e éticos, tratam do mistério da vida e da morte, cujos protagonistas tentam tomar o controle de sua existência, cuidar dela, tentar dar sentido a suas vidas. Desta forma, as histórias aguçam a imaginação e familiarizam a criança com todos os problemas humanos básicos, tais como paixões, falta de controle, disputas, amor, amizade, família, dominação, exclusão, etc.

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica...O conto de fadas simplifica todas as situações...Em praticamente todo conto de fadas o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo... Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. (BETTELHEIM, 1980, p.04)

Através de fantasias que lidam com temas comuns e reais, as histórias fornecem respostas e confiança de que as crianças serão capazes de resolver seus quebra-cabeças de uma maneira satisfatória. A fantasia é o combustível interno que precisamos para superar o sofrimento e satisfazer os desejos, pois traduz esses sentimentos em imagens compreensíveis.

As histórias são sobre o que é verdadeiramente humano. Eles estão presentes na vida antes de aparecerem nos livros.

Hoje as crianças não crescem mais dentro da segurança de uma família numerosa, ou de uma comunidade bem integrada. Por conseguinte, mais ainda do que na época em que os contos de fadas foram inventados, é importante prover a criança moderna com imagens de heróis que partiram para o mundo sozinhos e que, apesar de inicialmente ignorando as coisas últimas, encontram lugares seguros no mundo seguindo seus caminhos com uma profunda confiança interior. (BETTELHEIM, 1980, p. 11).

De acordo com Bettelheim (1980), as crianças modernas são isoladas e suas necessidades e anseios emocionais são frequentemente ignorados pelo mundo adulto. Isto cria uma autoimagem negativa, pois a criança não é compreendida nem escutada. Ao vermos nas histórias um protagonista solitário e perdido que encontra felicidade e amor em sua jornada, construímos nele uma consciência e aceitação de sua própria experiência, permitimos que ele construa confiança e uma perspectiva de crescimento em sua interação com o meio ambiente e as pessoas, e damos sentido e segurança ao seu contexto existencial.

Elas fazem saber às crianças que sérias dificuldades na vida são inevitáveis, fazem parte da existência, mas que diante das dificuldades há a possibilidade de superar os obstáculos, mudá-los e compreendê-los.

4 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM CONTOS DE FADA QUE CONTRIBUEM PARA A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Através da narração de histórias, as crianças podem ser trabalhadas de várias maneiras, melhorando sua linguagem oral, escrita e corporal através da narração de histórias teatrais. Os benefícios totais do uso de histórias nos primeiros anos da educação devem ser explorados para desafiar e estimular a curiosidade das crianças, encorajá-las a investir sua energia e tempo ocioso em novas descobertas, encorajá-las a refletir e incorporar a sensação de bem-estar e alegria que o aprendizado traz em suas memórias.

Ensinar as crianças pela primeira vez de forma apropriada à idade e usar uma linguagem apropriada à idade ajuda-as a entender melhor e dominar o conteúdo que estão aprendendo. A linguagem infantil é fascinante e cativante tanto para crianças quanto para adultos, tornando-a uma ferramenta importante e útil no processo de ensino e aprendizagem para jovens aprendizes.

Devido à sua natureza lúdica, este tipo de literatura permite o uso da criatividade e da exploração, pois é um produto da cultura. Além disso, aproxima as crianças da leitura e da interpretação, de modo que o professor precisa desenvolver no aluno a alegria da leitura, ser criativo e desenvolver um histórico relevante. O fato de incluir personagens como bruxas, duendes, monstros, fadas e vários personagens que escapam da realidade não significa que isso diminua a importância do aprendizado, pois a ação, o aprendizado e o ensino devem prevalecer, pois eles sempre mudam inerentemente a realidade e a transformam, resolvendo os problemas apresentados. Abromovich (1997, p. 121) ensina que "a magia não está na presença da fada, que já é anunciada pelo nome, mas na forma como ela age, aparece, se comporta, abre portas". Não é uma fada porque há seres diferentes e mágicos nela, mas porque há uma ação que molda o desenvolvimento da história.

O professor, usando todo o seu potencial de ensino em seu benefício e a vantagem de ensinar, o uso de contos de fadas na sala de aula ajuda-o a desenvolver as crianças em todos os sentidos, através da criatividade e da grande coleção de histórias que se tem, além das muitas que se terão, ao lidar com a variedade de tópicos e problemas que muitas crianças enfrentam. Os leitores informados são o resultado da boa educação e do ensino nos primeiros anos, e os contos de fadas desempenham um papel importante neste processo.

Hoje, Coelho (2012) os credita com um papel central na formação da cultura humana através da literatura infantil, leitura e livros, atribuindo-lhes uma maior responsabilidade na formação da compreensão do mundo pelas crianças e pelos jovens. Os contos de fadas são parte desta importância, pois contribuem para o desenvolvimento de leitores mais informados, críticos e menos sensíveis à mídia, contribuindo assim para a evolução da cultura humana em uma sociedade educada.

O escritor entende que os contos de fadas são de fato parte da educação das crianças e que eles ajudam a criar cidadãos mais informados e responsáveis. Dar liberdade às crianças através de contos de fadas é extremamente importante porque os contos de fadas não só levam a criança do mundo real para o mundo da fantasia, mas também para o mundo da imaginação.

Embora o conto de fadas apresente um mundo de fantasia, neste mundo ele desafia a criança ou o jovem a trabalhar com consciência, o senso de cognição e pensamento lógico, e os introduz no mundo do bem e do mal, mas de forma lúdica, onde o bem tem ética e moralidade. Nessas histórias, o bem não vence o mal através de um comportamento imprudente, que resulta de qualquer ação que mina a essência do que é essencialmente bom.

As histórias apresentam raciocínios lógicos e concretos, baseados em valores morais. Neste norte, o educador aprende os valores mais verdadeiros e apropriados para alcançar os objetivos, que isto é possível e que há sempre maneiras de resolver os problemas de forma correta e ética. Nesta visão, as histórias são essenciais para o desenvolvimento de adultos conscientes, éticos, morais, responsáveis e bons cidadãos, pois ensinam a ser bons em seus enredos a fim de triunfar no final. Lembra Abramovich (2008, p.17):

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo).

Contar histórias é uma arte que deveria estar nas escolas porque proporciona aos estudantes conhecimento global, interação com o mundo, diferentes culturas e raças, e empatia. Em salas de aula e espaços escolares, como as produções teatrais que os apresentam, eles podem ajudar a ensinar importantes lições culturais e ser divertido para os adultos. Finalmente, contar histórias é um mecanismo de ensino e aprendizagem, e seu uso em ambientes escolares deve ser habilitado e incentivado.

Entretanto, não basta incluir histórias de forma não estruturada na sala de aula; é necessário se preparar para a história porque o professor precisa conhecer a história para contá-la de forma agradável, evitando surpresas indesejadas durante a leitura. Abramovich (1997) argumenta que quando lemos para as crianças, não importa qual é a história.

A fim de fazer uso satisfatório das histórias, trabalhos adaptados com conteúdo truncado e alterado devem ser evitados. De acordo com Abramovich (1997), cada informação de uma história tem uma função importante, cuja remoção ou redução impedirá a criança de compreender plenamente o conteúdo da história. Da mesma forma, Bettelheim (1980) aponta que versões amplificadas e simplificadas de histórias enfraquecem e roubam seu significado mais profundo. O professor também deve estar emocionalmente preparado para contar a história de forma agradável e expressiva, usando todos os meios de expressão para dar sentido à história.

O professor não pode simplesmente pensar em ler a história; ele precisa de tempo e espaço para penetrar o aluno e despertar seus sentimentos. Souza (2010) revela que em algumas escolas as histórias são utilizadas de forma utilitária, ignorando a dimensão das possibilidades formativas que elas contêm, de modo que seu significado e importância acabam sendo ignorados, sugerindo que os professores devem tentar identificar seu papel no desenvolvimento intelectual, afetivo e cognitivo da criança. Nesta perspectiva, Abramovich (1997) argumenta que incluir simplesmente a leitura de livros infantis no currículo escolar sem nenhum propósito não significa nada. Ela também diz que pode até mesmo criar leitores, mas leitores acríticos que apenas fingem ler. É importante que as crianças entendam e desenvolvam sua própria visão da história. O adulto não deve tentar impor sua interpretação, pois isso pode violar a autonomia da criança e interferir com sua interpretação da história.

Após a história ter sido contada, os professores devem preparar e desenvolver uma sequência didática e oferecer aos alunos exercícios de linguagem oral e escrita baseados na história dentro de um tempo determinado, usando um quadro branco, pincéis e fotocópias. Quando se trata da participação dos alunos no processo de contar histórias, os professores devem encorajá-los a tomar parte ativa nestes momentos. Ao fazer perguntas, os estudantes devem ser encorajados a fazer suas próprias conclusões e suposições sobre a história, demonstrando sua independência de pensamento e sua capacidade de refletir sobre os diferentes caminhos imaginários que as histórias propõem.

De acordo com Abramovich (1997), é bom deixar as crianças livres para interpretar, sem dar muitas descrições e detalhes sobre a história, deixando o campo da imaginação aberto para que elas possam participar de uma forma agradável. Contar histórias para crianças no processo de aprender a ler e escrever pode criar ou desenvolver atitudes positivas em relação aos problemas da vida cotidiana.

Na alfabetização, as histórias podem ser uma forma de trabalhar com o conteúdo de aprendizagem das crianças na fase de alfabetização e, neste caso, vemos professores elaborando esta construção entre histórias e conteúdo de aprendizagem.

Neste contexto escolar, o professor desempenha um papel importante como mediador no processo de alfabetização, fazendo com que a criança e o professor vejam a leitura como algo importante e relevante, proporcionando o espaço certo para ler, escrever e falar, criando assim um processo de aprendizagem mais interessante e estimulante. A fim de aproximar os alunos da leitura de histórias, o professor precisa dar à literatura um propósito significativo para desenvolver os leitores na vida dos alunos e em suas vidas pessoais.

Levando tudo isso em consideração, podemos dizer que os contos de fadas são uma ferramenta que ajuda os professores na alfabetização, já que várias atividades podem ser construídas sobre este gênero. Tais atividades permitem que as crianças criem, desenvolvam sua imaginação, pensamento e prazer de ler, e lhes permitem participar efetivamente através de perguntas e interpretação oral. Desta forma, os contos de fadas proporcionam prazer e estimulam o aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a fazer uma revisão bibliográfica sobre os contos de fadas na prática pedagógica através da contação de histórias na educação infantil, abordando as principais características e como a contação de histórias desses contos pode contribuir para a prática pedagógica. Elencados os benefícios da contação de história no desenvolvimento infantil, cabe aos educadores desenvolverem técnicas para aplicar essa metodologia em sala de aula.

Concluimos que os contos de fadas não apenas ajudam as crianças a aprender a ler; também ensinam muito sobre o mundo ao seu redor e sobre

questões engajadas, como lições contra o preconceito, educação moral e estimulação da criatividade e imaginação dos alunos.

Esta pesquisa apresentou o campo da alfabetização e práticas pedagógicas relacionadas aos contos de fadas, problematizando-os como oportunidades para uma aprendizagem mais envolvente e colaborativa para as crianças. Os resultados da revisão de literatura permitiram apontar formas de trabalhar com contos de fadas em aulas de alfabetização, assim como verificar que os contos de fadas são extremamente importantes para o aprendizado e desenvolvimento das crianças durante a fase de alfabetização.

Pretende-se em pesquisas futuras aprofundar o estudo e fazer uma pesquisa de campo diretamente com alunos para analisar o benefício dos contos de fadas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. ed.3. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 18.ed. São Paulo: Scipione, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 13. ed. rev. Rio de Janeiro: LTC, 1992.

BERNARDINO, Andressa; SOUZA, Linete. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**. São Paulo, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOTELHO, Aline. **Como contar histórias na sala de aula?** Rio Grande: Furg, 2011.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1999.

DOS SANTOS, Edilce Elaine Ferreira; DE OLIVEIRA PETERSEN, Neiva Maria. OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA (EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS). Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta-RS, v. 1, n. 1, p. 35-36, 2013.

DORNELLES, Roceli Lúcia Guedes. **Era uma vez... Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: Editora Dimensão. Vol. 20, n. 116, p. 41-45, mar/abr. 2014.

FARIA, M.A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FONSECA, Edi. **Interações: com Olhos de Ler**. 1.ed. São Paulo: Blucher, 2012.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. Ijuí: Unijuí, 2005.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. 5. Ed. São Paulo: Ática, 1991.

ORLANDI, E. P. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, B. **A escrita e os escritos: reflexões em análise de discurso e psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SOUZA, Ana A. Arguelo de. Literatura infantil, o que é? In: **Literatura na escola: a leitura em sala de aula**. Campinas: Autores associados, 2010.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. In: **Revista Criança** - do professor de educação infantil, v. 38, p. 10, 2005.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, DAYANE DO NASCIMENTO SANTOS, acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientado (a) pela Prof. (a) Áurea Machado de Aragão, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema versa sobre: A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, 26 / 11/ 2021.



Assinatura da aluna concluinte